

Um olhar sobre a toponímia dos rios em Mato Grosso do Sul*

Ana Claudia Castiglioni^{**}
Lidia Almeida Barros^{***}
Aparecida Negri Isquierdo^{****}

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar designativos de hidrônimos – termos que designam cursos de água de modo geral – na hidronímia sul-mato-grossense, disponíveis no banco de dados do projeto Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul – ATEMS, que foram extraídos dos mapas oficiais do IBGE, em escala 1:100.000, relativos à malha municipal do Estado (78 municípios). Dentre os hidrônimos, foram selecionados 149 topônimos relativos a rios que foram analisados segundo a etimologia, a classificação taxionômica e a estrutura morfossintática.

Palavras-chave

Topônimo; hidronímia; rio; Mato Grosso do Sul.

Abstract

This study aims to analyze designative hydronyms – terms that name watercourses in general – within the hydronymy of Mato Grosso do Sul, available in the toponymic Atlas of the State of Mato Grosso do Sul database – ATEMS, which were extracted from the official maps of the IBGE, scale 1:100,000, related to the 78 cities in the state. Among these hydronyms, 149 toponyms relating to rivers were selected and analyzed according to their etymology, the taxonomic classification and morphosyntactic structure.

Keywords

Toponymy; hydronymy; rivers; Mato Grosso do Sul.

* Artigo recebido em 18/10/2012 e aprovado em 02/11/2012.

** Aluna do Doutorado em Estudos Linguísticos da UNESP. Professora assistente na Universidade Federal do Tocantins - UFT.

*** Doutora em Ciências da Linguagem pela Université Lumière Lyon 2. Professora na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2.

**** Doutora em Letras (Linguística e Língua Portuguesa) pela UNESP. Professora colaboradora no Programa de Mestrado e Doutorado em Estudos da Linguagem da UEL e no Programa de Mestrado em Estudos de Linguagens da UFMS. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2.

Introdução

Desde as épocas mais remotas o homem nomeia os lugares por onde passa, para identificá-los e para facilitar seu cotidiano e seu deslocamento. A terminologia geográfica antiga era formada pela designação do próprio referente em questão, como a encontrada no livro bíblico do Gênesis, que registra o recém-constituído universo: paraíso, lugar de delícias (Éden), água corrente (Giom, Pison), a altura (monte Tabor) (DICK, 2007, p. 460), ou como, no caso dos países americanos, as nomeações de origem indígena que descrevem tão bem a geografia e as características de um local, como Tucátucá-tepê (serra das Castanheiras), Aurucuô-patári (lugar de muitos bichos) (CARDOSO, 1961, p. 106). A Toponímia como área do conhecimento que se ocupa do estudo linguístico dos nomes próprios de lugares tem caráter interdisciplinar, à medida que busca em outros campos do saber informações para subsidiar o estudo do topônimo, dentre outros, a Geografia, a História, a Antropologia. As informações relativas aos vários significados de um nome fazem, pois, da Toponímia uma disciplina ampla que depende de outras correlatas para melhor elucidação das causas denominativas de um nome de lugar. O estudo dos topônimos permite o conhecimento de aspectos da organização de uma região, pois as condições ambientais e sociais refletem-se na língua, principalmente no léxico, e, conseqüentemente, na toponímia. Tradicionalmente, os estudos toponímicos ocupavam-se especialmente da descrição etimológica dos topônimos e da investigação de línguas extintas perpetuadas por meio dos nomes de lugares. Já as pesquisas atuais concebem a Toponímia como um ramo do conhecimento onomástico também voltado para análises léxico-semânticas (DICK, 2007, p. 463).

O objetivo deste trabalho é apresentar e discutir um dos aspectos da pesquisa de Castiglioni, em andamento, que tem por objeto de estudo um recorte da toponímia sul-mato-grossense, sendo o espaço para a realização da pesquisa todo o Estado de Mato Grosso do Sul, dividido em setenta e oito municípios. Desse conjunto de topônimos, a pesquisa elegeu como objeto de investigação o repertório dos hidrônimos, isto é, “os nomes dos acidentes hidrográficos em geral, não importando a natureza linguística do objeto nomeado, e evidenciando pela denominação, se humano ou não humano, animado ou inanimado, nem a natureza dos campos semânticos” (DICK, 2004, p.127).

O aspecto analisado aqui é o das unidades léxicas que formam o nome dos acidentes geográficos referentes a rios do Estado de Mato Grosso do Sul que estão disponíveis no banco de dados do projeto Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso

do Sul – ATEMS¹. Esses dados toponímicos foram extraídos dos mapas oficiais do IBGE, em escala 1:100.000, relativos à malha municipal do Estado (78 municípios). Inicialmente foram revisados os dados relativos a cada topônimo, o que implicou uma análise mais apurada da etimologia dos nomes de base indígena, análise das classificações taxionômicas e da estrutura morfossintática de todos os designativos, com vistas a uma caracterização mais completa de cada topônimo. Dentre os hidrônimos, foram selecionados 149 topônimos relativos a rios que foram analisados segundo a etimologia, a classificação taxionômica e a estrutura morfossintática.

1. Bases teóricas e metodológicas

Para classificação taxionômica dos topônimos, tomamos por base a proposta metodológica de Dick (1992, p. 31-34) que contém uma taxionomia concebida a partir da análise do topônimo tomado do ponto de vista sincrônico, reservando a busca dos mecanismos de nomeação e o levantamento histórico acerca da origem dos topônimos para estudos pontuais e específicos acerca de cada nome. Para a autora, a própria existência dos nomes geográficos, desvinculada de qualquer procedimento diacrônico, é o que dá suporte às taxes sugeridas:

[...] a existência desorganizada desses nomes, que constitui a tessitura propriamente dita de um território, deve sofrer, por sua vez, uma ordenação ou catalogação a partir, agora, não do doado, e sim do gerado. Num primeiro momento é, pois, o homem quem preside a escolha do nome, permitindo a averiguação de todos os impulsos que sujeitaram o ato nomeador; num segundo momento, é a denominação que irá condicionar e determinar os rumos dos estudos toponímicos (DICK, 1980, p. 34).

O modelo taxionômico de Dick (1992, p. 31-34) se divide em onze taxionomias de natureza física e dezesseis de natureza antropocultural. A terminologia técnica utilizada pela autora é formada pelo termo que justifica a escolha do elemento denominativo e pelo vocábulo que identifica a ciência específica. Assim, por exemplo, nomes relativos às formas topográficas e referentes a acidentes hidrográficos são, respectivamente, denominados *geomorfotopônimos* e *hidrotopônimos*, termos formados

¹ O Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul (ATEMS) é produto de pesquisas na área dos estudos toponímicos que vêm sendo desenvolvidas na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul há quase uma década. Além de integrar o diretório de pesquisa Projeto ATB - Atlas Toponímico do Brasil: parte geral e variantes regionais, coordenado pela Profa. Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (USP) (<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=00678018PVBKQ1>), o ATEMS tem diretório próprio que congrega os pesquisadores e alunos vinculados ao projeto: Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul - Projeto ATEMS, tendo como líder a Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo (<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0870801LX6DNZ8>) (ISQUERDO, *et al.*, 2011).

pelos elementos designativos, no caso, *geomorfo* e *hidro*, acrescidos do item lexical *topônimo* que tem a função de identificar a ciência específica. Ilustram essas categorias *geomorfotopônimos* como *Montanhas* (AH RN), *Monte Alto* (AH SP), *Morro Azul* (AH RS) e os *hidrotopônimos* como *serra das Águas* (AF GO), *Rio Preto* (AH SP) (DICK, 1992, p. 31). Em relação à estrutura morfossintática, um nome próprio de lugar é formado basicamente por dois termos: o genérico e o específico. O termo genérico indica o acidente a ser nomeado (rio, serra, córrego, ribeirão) e o termo específico refere-se ao denominativo, o topônimo propriamente dito. Ambos atuam no sintagma toponímico, ou seja, “no conjunto formado pela nomenclatura onomástica e pelo acidente identificado, de forma justaposta (rio das Amazonas) ou aglutinada (*Paraúna*, ‘rio Negro’)” (DICK, 1992, p. 10).

Dependendo da natureza da língua, quando os termos estão aglutinados, segundo Dick (1992, p. 10), o termo genérico exerce a função de topônimo, como no caso de *Paraúna*, ‘rio negro’, que gera a necessidade de complementação com um novo elemento, já que o genérico perdeu a sua função própria, porque foi integrado ao termo específico; ou nos casos de *Capói-tepê*, ‘serra da Lua’, e *Saueriná*, ‘rio do Papagaio’². Pode ocorrer o fato de o acidente ser muito importante e único em uma comunidade, então,

[...] o nome do rio não é aproveitado para designar um povoado, uma localidade, uma estrada, permitindo, dessa forma, que os falantes se refiram a ele sendo compreendidos mesmo sem utilizar o termo genérico. Acidentes físicos geralmente se definem pelo próprio termo comum, ou seja, o termo genérico do conjunto toponímico incorpora o mesmo sentido do termo específico. Dessa forma ‘rio’ e ‘mar’ geraram topônimos como *Paraná* e *Pará* (DICK, 1992, p. 99).

Essa ocorrência de aglutinação é mais frequente em topônimos de base indígena, mas também pode ocorrer com a nomenclatura portuguesa, apesar de esse fato ser menos recorrente. Esse fenômeno é ilustrado por Dick (1992, p. 12) com o topônimo ‘*Porto Seguro*’, citado por Caminha, que na atualidade nomeia, além da baía, vários acidentes humanos no Brasil.

Em termos de composição morfológica, o termo específico, ou seja, o topônimo pode ser simples, composto ou híbrido. Um termo específico simples é formado por um só vocábulo, que pode estar acompanhado ou não de sufixações ou também estar acrescido de terminações, como *lândia*, *pólis*, *burgos* (DICK, 1992, p. 13).

² Exemplos extraídos da obra “Toponímia Brasileira”, de Levy Cardoso (1961, p. 100), por Dick (1992, p. 31).

Um elemento específico composto é formado por mais de um elemento, não importando a língua de origem. Os elementos de base indígena *mirim* (pequeno) e *guaçu* (grande), por exemplo, colaboram com a formação de inúmeros topônimos compostos na toponímia brasileira, dentre outros, o nome das cidades Itaguaçu (salto grande) e Itumirim (salto pequeno). Há também as formações compostas que envolvem os nomes sagrados, não necessariamente da mesma natureza religiosa, formações também muito comuns na toponímia brasileira, como ilustram designações de acidentes humanos como Santo Antonio das Trepes, Santo Antonio do Rio Abaixo, São Pedro de Ratos (DICK, 1992, p. 14).

Já os topônimos híbridos se formam pela combinação entre unidades lexicais provenientes de línguas diferentes em um mesmo designativo. Segundo Dick (1992, p. 15), a formação que mais se generalizou no Brasil foi a composta pela seguinte estrutura: indígena + portuguesa ou portuguesa + indígena. São exemplos de topônimos com essa estrutura formal Lambari do Meio e Marabá Paulista, que denominam acidentes humanos localizados no Estado de São Paulo, dentre muitos outros.

2. Análise dos topônimos que nomeiam rios de Mato Grosso do Sul

O Estado de Mato Grosso do Sul tem características bastante marcadas em termos de riquezas naturais, especialmente no que se refere à hidrografia. Como não poderia ser diferente, essas características geográficas se revelam no léxico da língua e, a esse respeito, vale recuperar a posição de Sapir (1969, p. 45) sobre o assunto: “o léxico da língua é o que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes”. De acordo com o mesmo autor, quando se tem à disposição o léxico completo de uma língua, é possível se chegar a conclusões sobre o caráter do ambiente físico e as características culturais do povo que faz uso dessa língua como língua materna.

Nesse sentido, Dick (1992, p. 64) relaciona léxico à toponímia e esclarece que, na parte do léxico atribuída à toponímia, muitos nomes são tomados em empréstimo à Geografia, especialmente os dos cursos de água. Esses acidentes geográficos são “enriquecidos semanticamente, tornando a terminologia específica um instrumental valioso para as pesquisas científicas e traduzindo, muitas vezes, a realidade conhecida e experimentada pelo homem”. Nesse sentido, ressalta-se a relevância do exame dos nomes dos acidentes geográficos que se referem à água, no caso deste trabalho os nomes dos rios, que, segundo a mesma autora, “são tão necessários e imprescindíveis à

vida humana que os pontos do seu aparecimento revestem-se de significação, tornando-se obrigatório registrá-los toponimicamente” (DICK, 1992, p. 80).

O banco de dados do ATEMS tem armazenados cento e quarenta e nove rios extraídos dos mapas oficiais do IBGE³, distribuídos na totalidade de municípios do Estado de Mato Grosso do Sul. Esses acidentes e suas proximidades são costumeiramente pontos escolhidos para sedes de fazendas, lugarejos, vilas, cidades, razão pela qual os acidentes humanos acabam institucionalizando os topônimos dos rios quando passam a nomear municípios, como é o caso das cidades sul-mato-grossenses de Amambai, Aquidauana, Bonito, Coxim, Paranaíba, Rio Verde de Mato Grosso, Dourados, Rio Negro, Taquarussu e Iguatemi, cujos topônimos são motivados pelos nomes dos rios que passam pela região e que foram nomeados anteriormente à criação dos povoados. Nota-se que em apenas dois designativos houve a toponimização do nome de acidente geográfico “rio”, incorporado no topônimo que identifica a cidade sede do município. Assim, embora esse fenômeno se manifeste apenas na estrutura do nome próprio de dois municípios, todos os designativos mencionados recuperam topônimos de grandes cursos de água que passam próximos às sedes municipais.

Em termos de etimologia, o conjunto de topônimos analisados apresenta sessenta e oito (46%) nomes de origem indígena, o que aponta para a significativa presença de povos de diversas etnias no Estado. Embora, desse total, quarenta e oito (70,59%) topônimos sejam de base tupi, referendando a tendência evidenciada na toponímia indígena do restante Brasil, que registra o predomínio de topônimos dessa língua, há, mesmo que em quantidade menor, o registro de topônimos originários das línguas guarani (07 = 10,29%), bororo (01 = 1,47%), guaicuru (01 = 1,47%), tupi + portuguesa (7 = 10,29%), tupi + guarani (1 = 1,47%) e guarani + portuguesa (1 = 1,47%) faladas por povos que habitaram e/ou ainda habitam o território investigado, além de dois topônimos (2,95%), *Aquidabã* e *Aquidauana*, que, embora tenham base linguística indígena, ainda não foram elucidados em termos etimológicos. Nesse sentido, Dick (1992, p. 121) explica que “particularmente no Brasil, os nomes geográficos de origem indígena acusam uma variada procedência, não se limitando, como por engano se acredita, a uma única família linguística, a Tupi”. Nota-se pelos dados expressos no Gráfico 1, na sequência, que cinco línguas indígenas participam da produção

³ A consulta ao Banco de Dados do ATEMS foi realizada em setembro de 2011.

toponímica relativa aos nomes dos rios do estado de Mato Grosso do Sul, prevalecendo o tupi, quer em topônimos simples, quer em formas compostas em combinatória com o português e/ou com o guarani.

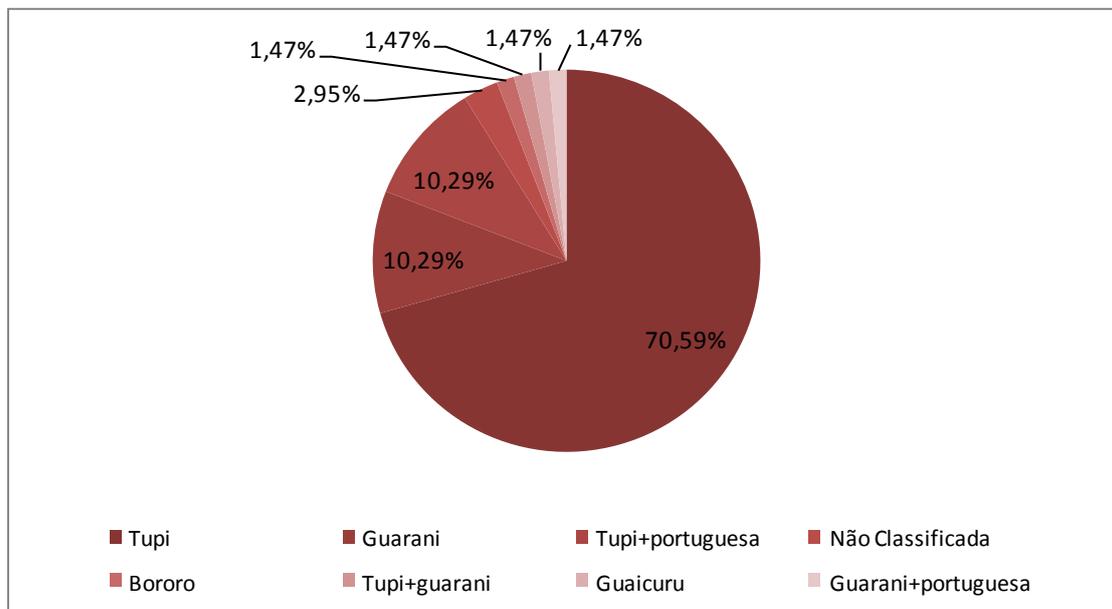


Gráfico 1. Distribuição dos topônimos de base indígena que nomeiam rios de Mato Grosso do Sul, segundo a língua de origem.

Já quanto à estrutura morfossintática, conforme a proposta de Dick (1992, p. 10-15) anteriormente citada, a maioria dos topônimos apresenta estrutura simples, cento e dezessete do total (78,5%), como rio *Piquiri*, rio *Pombo*, rio *Tererê* etc. Com estrutura composta, identificamos vinte e cinco nomes (16,8%), dentre eles nomes de base portuguesa, como rio *São Lourenço*, e de base indígena, como rio *Taquari-mirim* (este último de base tupi). Já os topônimos híbridos, que se formam pela combinação de elementos mórficos provenientes de línguas diferentes em um mesmo designativo, foram menos produtivos entre os designativos dos rios em estudo, uma vez que somente sete topônimos (4,7%) evidenciaram essa estrutura, dentre eles rio *Taquarizinho* (tupi + portuguesa), rio *Félix-cuê* (portuguesa + guarani), rio *Apa-mi* (tupi + guarani) etc. O Gráfico 2, a seguir, apresenta a distribuição percentual do universo de topônimos em estudo em termos de estrutura morfológica:

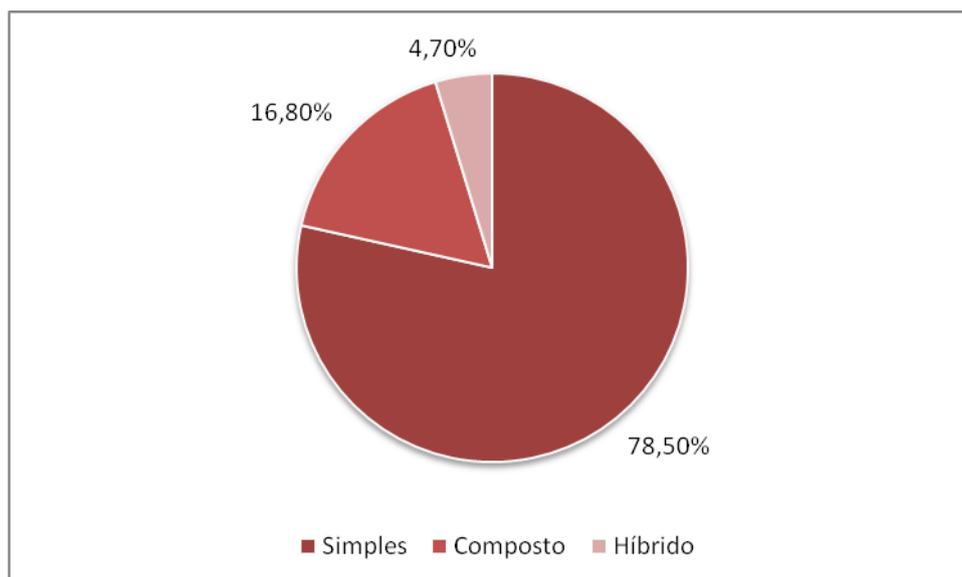


Gráfico 2. Estrutura morfológica dos topônimos designativos de rios de Mato Grosso do Sul.

Com relação à taxionomia dos designativos dos 149 rios analisados neste trabalho, foram identificados topônimos representativos de dezoito das taxes propostas por Dick (1992 p. 31-34): zootopônimos (29), fitotopônimos (27), hidrotopônimos (23), hagi-topônimos (17), ergotopônimos (7), antropotopônimos (7), animotopônimos (6), cromotopônimos (5), litotopônimos (4), geomorfotopônimos (3), numerotopônimos (3), cronotopônimos (3), astrotopônimo (1), cardinotopônimo (1), etnotopônimo (1), sociotopônimo (1), hodotopônimo (1), somatotopônimo (1). Além disso, 9 (6,04%) dos topônimos catalogados permanecem sem classificação taxionômica em virtude de insuficiência de dados acerca da causa denominativa que possa subsidiar as classificações desses topônimos, segundo a taxionomia toponímica.

Dos cento e quarenta e nove designativos analisados, 93 (62,5%), são topônimos de natureza física, sendo vinte e nove (19,5%) zootopônimos, como os rios *Pombo* e rio *Ariranha*; vinte e sete (18,12%) fitotopônimos, como rio *Abobral*, rio *Curutuba*, e vinte e três (15,44%) hidrotopônimos, dentre eles, o rio *Corrente*, rio *Paranaíba*. Entre as categorias com menor recorrência situam-se os cromotopônimos (05 topônimos = 3,35%), como o rio *Verde*; os litotopônimos (04 topônimos = 2,7%), como o rio *das Pedras*; os geomorfotopônimos (03 três topônimos = 2%). Além disso, houve casos de taxes com ocorrências únicas como os astrotopônimos (01 topônimo = 0,67) e os cardinotopônimos (01 topônimo = 0,67).

Dentre as taxas com maior representatividade nos dados em exame, as três mais produtivas são de natureza física e se referem a topônimos de índole animal (zootopônimos), a topônimos de natureza vegetal (fitotopônimos) e a topônimos originados de acidentes hidrográficos (hidrotopônimos).

Já os topônimos relacionados ao universo antropocultural representam 47 do total (31,5%), sendo mais recorrentes os hagiotopônimos (17 designativos = 11,4%), que se referem a nomes de santos do hagiológico romano, como os rios *São Lourenço* e *Santa Maria*; os antropotopônimos (07 topônimos = 4,7%), relativos a nomes próprios individuais: rio *Félix Coelho*, rio *Miranda*; os ergotopônimos (07 topônimos = 4,7%), referentes a elementos da cultura material, como rio *Tereré*, rio *Tabaco*; os animotopônimos (06 topônimos = 4,02%), que traduzem estados anímicos como rio *Bonito*. Já outras categorias, como os numerotopônimos e os cronotopônimos, foram representadas por 03 topônimos cada categoria, ambos somando 4,02%, e os etnotopônimos, sociotopônimos, hodotopônimos, somatotopônimo somaram 04 topônimos = 2,7%. Os dados são demonstrados no gráfico a seguir:

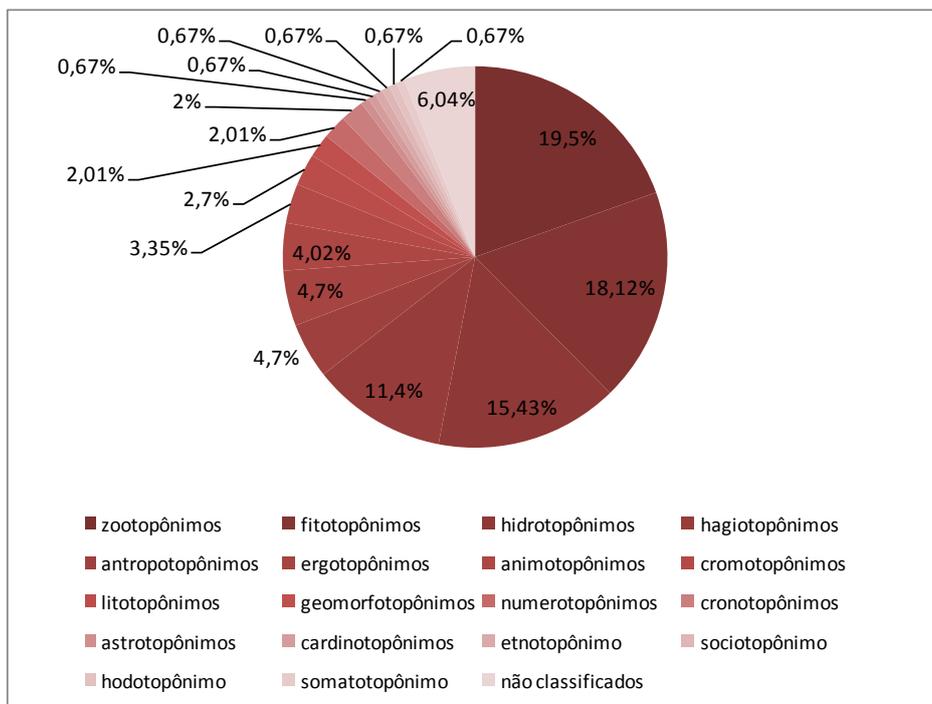


Gráfico 3: Distribuição dos designativos de rios de Mato Grosso do Sul, segundo a taxionomia.

Outro aspecto relevante a ser apontado é a toponimização dos nomes dos acidentes físicos, fenômeno habitual na toponímia brasileira, principalmente no que se refere à hidrografia. A respeito disso, Dick (1992, p. 64) esclarece que os termos geográficos transformados em topônimos são chamados de “vocábulos toponímicos

básicos, que podem ser considerados como o elemento genérico, definidor de um determinado estrato do ambiente”. Esse fenômeno ocorre em casos como rio *Baía*, rio da *Prata*, rio *Bracinho* e rio *Cachoeirão*. Já os hidrotopônimos que são motivados pelo aspecto da água formam topônimos descritivos como rio *Perdido*, rio *Roncador*, rio *Salobra*, rio *Vermelho*, rio *Corrente*, rio *Escondido* e rio *Brilhante*. Esse tipo de descrição também ocorre nos topônimos de origem indígena como rio *Iguatemi*, cujo nome em tupi significa “pequena fonte de água”; rio *Ivinhema*, que exprime “sem terra ou sem margem, alusão às cheias do rio desse nome que o transformam em um grande alagado sem margens distintas”; rio *Paraná*, “semelhante ao mar”; rio *Paranaíba*, “de navegação impraticável”⁴.

Considerações finais

Mato Grosso do Sul é um Estado que se destaca por sua riqueza hidrográfica, especialmente pela planície alagada do Pantanal, que se localiza na bacia hidrográfica do rio Paraguai, no oeste do Estado, de grande importância histórica para todo o Centro-Oeste. Conforme Isquierdo e Seabra (2010, p. 83), o rio Paraguai

[...] foi o canal de acesso de navegadores europeus à região em busca de riquezas minerais. Esses exploradores, impressionados com a grande área inundada pelas águas do rio Paraguai, a nomearam de *Laguna de los Xarayes*. Esse hidrotopônimo designou essa área que se estende entre os estados de Mato Grosso do Sul e Mato Grosso até o século XVIII, quando os bandeirantes paulistas, também por meio do rio Paraguai, adentraram o Brasil Central em busca de ouro e de outros metais preciosos e cunharam a maior área alagada do mundo de *Pantanal*.

A outra bacia hidrográfica que banha o Mato Grosso do Sul, a do rio Paraná, abrange a parte leste do Estado e possui diversos afluentes muito representativos, como o rio Sucuriú, em cuja foz, no rio Paraná, funciona a usina hidrelétrica de Jupiá. Também são de grande importância regional o rio Pardo e o rio Verde, afluentes do rio Paraná que estabelecem limites municipais e cruzam a região nordeste do Estado.

Este trabalho examinou um recorte da toponímia sul-mato-grossense com o objetivo de identificar diferentes aspectos que singularizam as características dos nomes dos rios do Estado de Mato Grosso do Sul. O estudo evidenciou, por exemplo, a presença de cinco línguas indígenas na toponímia dos rios do Estado, prevalecendo o tupi como língua base, ora como forma simples, ora em combinatória com o português e/ou com o guarani. Cerca da metade dos topônimos aqui analisados tem base indígena.

⁴ Dados obtidos por meio de consulta às obras de Sampaio (1987, p. 207; 1928, p. 237; 283; 282).

Já do ponto de vista da estrutura morfológica da totalidade dos termos toponímicos, a maioria deles apresenta estrutura simples, seguido de estrutura composta e, por fim, de híbrida (composta e simples).

Já em termos taxionômicos, as categorias mais recorrentes são de natureza física de índole animal, hidrográfica e vegetal. É especialmente no âmbito dessas taxes mais produtivas que as particularidades geográficas do Estado afloram com maior evidência, como é o caso do rio *Baía*, cujo topônimo (termo específico “baía”) resulta da toponimização do nome de um acidente geográfico típico da hidronímia sul-mato-grossense. Na região do Pantanal, em épocas de cheias, são formadas inundações que ligam entre si os cursos de água, formando baías. Trata-se do uso regional do termo “baía” que, em outras regiões do Brasil, nomeia outros referentes. Os zootopônimos catalogados também revelam especificidades da fauna do Estado, como o rio *Canindé* que, segundo Sampaio (1928, p.179), vem do tupi e significa “a arara azul retinto e amarelo”, ave comum no Estado, e rio *Sucuriú* “rio da sucuri” (SAMPAIO, 1928, p. 308), réptil característico das águas sul-mato-grossenses. Caso similar ocorre com os topônimos rio do *Peixe*, rio *Dourados*, que também ilustram a recuperação de elementos típicos da fauna na toponímia regional. Por fim, os casos de toponimização dos acidentes analisados ratificam o caráter interdisciplinar da Toponímia que, nesse caso específico de nomeação, empresta termos especializados da área da Geografia para designar os próprios acidentes geográficos. Esse fenômeno aponta para uma possível interface entre termos e topônimos, como o já foi apontado por Dick (1999, p. 126).

Referências

- ATEMS – ATLAS TOPONÍMICO DE MATO GROSSO DO SUL. *Banco de Dados*. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. CCHS/DLE, 2011.
- CARDOSO, Armando Levy. *Toponímia Brasileira*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1961.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A estrutura do signo toponímico. Separata de: *Língua e literatura*. São Paulo, n. 9, p. 297-293, 1980.
- _____. *Toponímia e Antroponímia no Brasil. Coletânea de estudos*. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas/FFLCH/USP, 1992.
- _____. Métodos e questões terminológicas na Onomástica: estudo de casos. In: *Investigações linguísticas e teoria literária*. v. 9, p.119-148, 1999.
- _____. Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na onomástica brasileira. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça.

As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia. Vol. III. Campo Grande: Editora da UFMS; São Paulo: Humanitas, 2004.

____. As terminologias nas ciências onomásticas. Estudos de caso: o projeto ATESP (Atlas Toponímico do Estado de São Paulo). In: ALVES, Ieda Maria; ISQUERDO, Aparecida Negri: *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia. v. III.* Campo Grande: Editora da UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007.

ISQUERDO, Aparecida Negri et al. *Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul.* Volume I. Campo Grande: UFMS, 2011 (inédito).

____; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Apontamentos sobre hidronímia e hidrotponímia na fronteira de Mato Grosso e Minas Gerais. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; BARROS, Lídia Almeida. *As ciências do léxico. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. v. V.* Campo Grande: Editora UFMS, 2010, p. 79-98.

SAMPAIO, Theodoro. *O tupi na geografia nacional.* Salvador: Secção Graphica da Escola de Aprendizes Artificies, 1928.

SAMPAIO, Theodoro. *O tupi na geografia nacional.* 5. ed. São Paulo: Editora Nacional; Brasília: INL, 1987.

SAPIR, Edward. *A linguística como ciência.* Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.